

EDUCAÇÃO EXTRA-ESCOLAR PARA A CRIATIVIDADE: UM PROGRAMA EDUCATIVO PARA LOBINHOS DA UNIÃO DOS ESCOTEIROS DO BRASIL (1986)

Iury Gabriel Amorim de Araújo*

Introdução

Este artigo teve por objetivo analisar o discurso de educação para a criatividade da União dos Escoteiros do Brasil (UEB) destinada aos lobinhos. Esses eram membros associados dentro da faixa etária entre sete (07) e doze (12) anos de idade vinculados àquela instituição promotora do escotismo atuante no país desde a primeira metade da década de 1920.

Desde o ano de 1921 o chamado Ramo Lobinho existe no Brasil, esta é a denominação utilizada para se referir ao conjunto de todos os lobinhos e lobinhas e à faixa etária anteriormente identificada no âmbito do escotismo. Inicialmente essa ramificação do escotismo ocorreu pelo Rio de Janeiro e posteriormente ao longo do território nacional. O que se deu como uma resposta ao movimento identificado no ano de 1916, quando houve a publicação do livro *The Wolf cub's handbook*, por meio do qual se defendia a ideia de que se podiam inserir crianças menores de doze (12) anos de idade no movimento escoteiro, o mesmo criado pelo general Inglês aposentado Robert Baden-Powell no ano de 1908 (Cf. ARAÚJO, 2022).

No ano de 1986 se comemorava então os 70 anos de lobismo. E em decorrência disso a União dos Escoteiros do Brasil se pôs a publicar em seu informativo oficial, o jornal *Sempre Alerta*, uma série de fichas técnicas e programas que deveriam ser indicados aos grupos escoteiros que congregassem o ramo lobinho. Diversos elementos se destacavam neste documento, tais como orientações para o desenvolvimento de atividades de cunho “mental”,

* Doutorando em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Pesquisa sob financiamento da CAPES.

“social” e “físico”. Destaquei para discutir neste artigo aquelas dedicadas ao primeiro aspecto, pois nele se inseriam àquelas designadas para o desenvolvimento da “criatividade” enquanto uma qualidade desejada para as crianças, conforme a instituição escoteira.

Como fonte histórica problematizei tais programas publicadas no jornal *Sempre Alerta* na sua edição de janeiro/fevereiro do ano de 1986. Nesta evidenciava-se que era necessário desde a tenra idade dos escoteiros “superar problemas” e “melhorar qualidades” acerca do desenvolvimento da criatividade. Metodologicamente, orientei-me pela análise do discurso considerando a proposta de Michel Foucault (2020). Assim pude entender a promulgação e tentativa de circulação desses enunciados discursivos elaborados pela UEB como compositores de um discurso escoteiro sobre a criatividade. Este, por sua vez, se relacionava com os discursos pretéritos do fundador do escotismo, Robert Baden-Powell, como também se aproximava do cenário educacional da época. Desse modo ensejava a constituição de uma cultura escoteira, ou seja “[...] um conjunto de teorias, ideias, princípios, normas, pautas, rituais, inércias, hábitos e práticas. Formas de fazer e pensar, mentalidades e comportamentos sedimentados sob a forma de tradições, regularidades, regras de jogo” (NASCIMENTO, 2008, p.10).

Sendo assim, neste artigo apresentei inicialmente uma problematização em torno do próprio programa escoteiro para a criatividade, percebendo-o como um normativo e monumento escoteiro. Segui destacando como o aspecto da criatividade era disposto neste documento. E, por fim, analisei a proposta da especialidade de “Artista”, um dos conjuntos de atividades indicadas para serem desenvolvidas com os lobinhos e lobinhas com o intuito de promover o desenvolvimento da criatividade, conforme publicado pela União dos Escoteiros do Brasil. Ademais, considerei que tal instituição promotora do escotismo em território nacional se punha a colaborar com a construção de um cenário educacional mais amplo interessado na formação de cidadãos aptos a resolução de problemas de forma criativa, bem como dispostos a exercer dentro e fora do escotismo suas aptidões mentais.

Um programa norteador, um monumento escoteiro

A materialidade ora selecionada, qual seja a edição de janeiro/fevereiro do ano de 1986 do jornal “*Sempre Alerta*”, foi interpretada como um resquício intencional de um discurso da UEB para as instituições a ela filiadas, ou seja, aquelas de nível regional e local. Compreendi que, em seu teor comemorativo, esse foi proposto para ser registrado, divulgado e visto pelos dirigentes e chefes escoteiros para que pudessem pôr em prática as orientações gerais

de seu produtor. Assim, interpretei que tinha caráter de monumento, como explicou Le Goff (1990), não foi produzido pelo acaso, mas sim com intenção de ser preservado e transmitido a um futuro.

Considerando que deveria ser um registro e prescrição de orientações a serem executadas pelas suas filiadas subordinadas, o programa tinha caráter muito próximo de um discurso normativo, ou seja, de um conjunto de enunciados propostos para especificar normas e orientações a serem seguidas e que, concomitantemente, caracterizava o próprio discurso da União dos Escoteiros do Brasil na época, a entidade normatizadora. Mais que isso, se fazia com intuito de ser posteriormente realizado. Até então, este último aspecto não fora percebido no registro em destaque. Entretanto foi possível especificar que seria uma espécie de legislação escoteira em seu momento de produção, tal como ocorria com a legislação educacional, como explicou Faria Filho (1998). Era o momento em que se expunha fundamentos e posicionamentos educativos de um determinado grupo e que ainda não significava a sua realização.

Dentre o conjunto de temas apresentados no programa comemorativo para lobinhos do ano de 1986 destaquei para este trabalho o aspecto da “criatividade”. Esse estava posto como um dos subtemas que deveriam ser explorados pelo escotismo como compositor da denominada “área mental”. A criatividade era vista ainda como uma qualidade a ser desenvolvida pelas crianças (SEMPRE ALERTA, Jan/Fev. de 1986). Vale salientar que naquela ocasião as propostas eram distribuídas em três grandes áreas, quais fossem: mental, física e social.

As propostas para a “área mental” congregavam atividades para o exercício da memória, da criatividade, da observação, do raciocínio e da perseverança (SEMPRE ALERTA, Jan/Fev. de 1986). No que se referia ao aspecto da criatividade, se propunha a realização de trabalhos manuais, jogos, danças e dramatizações. O que indica para o entendimento de que essas práticas demarcavam a necessidade de se impulsionar atos criativos caracterizados por uma diversidade de opções de ações para que a criança interagisse com seus companheiros e que experimentasse um ambiente propício para o exercício do corpo e da mente concomitantemente.

A realização de trabalhos manuais e dança, por exemplo, eram propostas para que se possibilitasse ao lobinho tentar se exercitar por meio de movimentos corporais que contribuiriam para o aprimoramento da sua coordenação motora e para o alcance da destreza

manual. Por outro lado, os jogos e dramatizações constituiriam uma atmosfera de interação coletiva em que as crianças deveriam pensar sobre possíveis e diferentes modos de realização das tarefas solicitadas, o que lhes levariam à construção de processos criativos. E, se aliado a uma perspectiva de competição, eles deveriam pensar ainda em meios para vencer o oponente criando expressões corporais diversas, suscitando-lhes o exercício da imaginação. Nesse ínterim o ato de jogar “[...] como simulações diretas da vida real, por se darem numa realidade própria, buscavam permitir aos possíveis jogadores “‘tentar de novo’ e ‘viver de várias formas’, contribuindo para sua criatividade” (PINTO, 2019, p. 33). Ou seja, era o momento de experimentar situações em que ele deveria imaginar e resolver desafios sem o ônus que provavelmente enfrentariam se fosse em uma ocorrência não simulada.

Uma vez apreendida a forma e o interesse pelo modo criativo de resolver as suas tarefas, esse postura se reverberaria para além dos limites das instituições escoteiras. Ademais o escotismo deveria contribuir para evitar imobilismo das “forças vivas” como afirmou Nagle (2009). Ou como defendia Baden-Powell (2006), deveria ser uma proposta de aperfeiçoamento dos jovens para o exercício da cidadania. Compreendi, pois, que o estímulo e realização de atividades que estimulassem a criatividade tinham também como objetivo proporcionar o desenvolvimento de sujeitos aptos a interagir e atuar socialmente intervindo de modo criativo e diverso para resolução de problemas individuais e coletivos.

Ademais, é possível ainda identificar a existência dessas prescrições relacionadas a leis do discurso em voga na época, ou seja, as regras do jogo que permitiam o enunciado existir (Cf. FOUCAULT, 2020). O discurso escoteiro sobre a criatividade se relacionava e possivelmente encontrava organicidade no âmbito educativo mais amplo devido a algumas perspectivas de pensamento sobre a educação que transitavam no país naquela época. Ao observarmos as explicações de Guimarães (2015), entende-se que naquele período entre a décadas de 1970 e 1990 tentava-se construir um cenário educacional por meios institucionalizados que viesse a suprir as carências formativas que os ambientes familiares já não davam conta devido as limitações impostas pelo excesso de trabalho. Do mesmo modo interpreto que a União dos Escoteiros do Brasil também já pensava em contribuir para formar cidadãos criativamente aptos ao exercício dos trabalhos e das relações sociais demandadas naquele período de redemocratização no Brasil.

Junto disso, se interpretadas a partir das orientações do fundador do escotismo Robert Baden-Powell (2006) aquelas atividades seriam então propostas para a chamada “elevação do

intelecto”. Ou seja, não tinham valor de conteúdo conceitual propriamente dito, como na escola. Mas contribuía paralelamente a essa para o desenvolvimento intelectual das crianças. O que permitiu interpretar que o escotismo prezava pela formação de crianças intelectualmente capazes do exercício da criatividade. Nesse sentido, a criatividade era algo a ser construído, alvo e resultado de um processo educativo, ou como explicou Sara Bahia (2002, p. 112) “a educação beneficia da criatividade do mesmo modo que os níveis de criatividade de novas soluções e imagens aumentam se esta for educada”.

Além desses exercícios de trabalhos manuais, jogos, danças e dramatizações, fazia-se também a indicação para que os lobinhos conquistassem distintivos de “especialidades”. Essas eram um conjunto de provas que poderiam ser realizadas pelas crianças acerca de um determinado tema. Para o exercício da criatividade indicava-se então no programa comemorativo do ano de 1986 as “especialidades” denominadas de Artista, Músico, Cozinheiro, Animador, Fotógrafo. Vejamos adiante um pouco dessa proposta.

A criatividade no programa para lobinhos

“Nós poderemos ajudar nossas crianças lhes proporcionando atividades que ajudem a carrear energias e a conduzir atitudes [...] A educação adquirida pelo lobinho ou lobinha se refletirá no lar e na escola”
(SEMPRE ALERTA, Jan/Fev. de 1986).

Em edição comemorativa do informativo oficial da União dos Escoteiros do Brasil, o jornal *Sempre Alerta*, no ano de 1986, aquela instituição buscou reforçar a ideia de que o escotismo proporcionaria benefícios à sociedade. Conforme o publicado e anteriormente citado, defendia-se a ideia de que as atividades que se desenvolviam com os jovens associados visavam proporcionar o seu “aprimoramento”. Esse seria caracterizado pela possibilidade de fazer bom uso das energias do corpo para tomada de atitudes diversas que lhe ocorressem em seu cotidiano e no seu futuro, incluindo os desafios e problemas que deveriam superar.

Para esta instituição escoteira um conjunto de atividades à sua disposição era denominado de “programa”. Um exemplo seria as chamadas “especialidades”. Assim, o lobinho que cumprisse o conjunto de atividades de uma “especialidade” teria direito de usar um distintivo respectivo a este programa. Além disso, um conjunto de diferentes atividades de formatos e temas distintos também poderia formar um programa.

No tocante as “especialidades” vale destacar que algumas delas já estavam previstas em publicações anteriores àquele ano de 1986. Se observarmos o *Guia do Lobinho* do ano de 1968, obra publicada e reimpressa cinco (5) vezes pela União dos Escoteiros do Brasil, fica nítido que as especialidades denominadas de “Artista” e de “Animador” já eram prescritas, e foram novamente postas no programa comemorativo dos setenta (70) anos do Ramo Lobinho. O que demonstrava o caráter de permanência desse conjunto de orientações de atividades destinadas às crianças associadas. Como também evidenciava o interesse da instituição em proporcioná-las de forma reiterada.

Observando este aspecto à ótica de uma formação discursiva, como explicou Foucault (2020), foi possível caracterizar tal aspecto como uma forma de conservação deste enunciado na forma de programa educativo para ser realizado de forma extraescolar, ou seja, para além dos muros da escola. Ao mesmo tempo marcado pelo seu caráter de acúmulo discursivo. Demonstrava-se uma regularidade discursiva na medida em que se mantinha pré-determinado um conjunto de atividades, ao mesmo tempo em que ampliava o *hall* de “especialidades” destinadas aos lobinhos e lobinhas. Tais elementos se reforçam ainda mais ao identificar a sequência de cinco (5) reimpressões do *Guia do Lobinho* feitas entre os anos de 1958 e 1968 (Cf. UEB, 1968) pela instituição e sua repetição no documento intitulado *Princípios Organização e Regras* do ano de 1971 (Cf. UEB, 1971), esse era um documento que determinava as orientações gerais e diretrizes da União dos Escoteiros do Brasil e que ainda estava em voga no ano de 1986. Sendo que na primeira impressão foram produzidas três mil (3.000) exemplares e nas demais foram impressas cinco mil (5.000) unidades. O que demonstra ainda o desejo da instituição em propagar suas orientações de forma abrangente o suficiente para que o maior número possível de suas filiadas ao longo do território nacional tomasse conhecimento dessas possibilidades de atividades prescritas.

A especialidade de “Artista” propunha a realização de três atividades, vejamos quais eram:

Artista:

1. *Desenhar, na presença do examinador, usando lápis, pincel, pena ou crayon, uma ilustração original para algum episódio ou personagem de uma história. O tamanho do desenho será de cerca de 13 x 18 cm.*
2. *Fazer um modelo em massa, barro, cêra ou outro material de modelagem.*
3. *Além desses, um dos seguintes:*
4. *Desenhar diretamente da natureza ou de memória um animal ou pessoa.*

5. *Desenhar diretamente da natureza uma paisagem ou natureza morta.*

6. *Fazer um cartão simples de parabéns. (LIMA, 1958, p. 51-52)*

Ao observar o conjunto de atividades indicadas identifiquei que havia por parte da União dos Escoteiros do Brasil a percepção de que o lobinho ou lobinha teria de fazer uso de uma diversidade de materiais para o exercício do fazer artístico, ao mesmo tempo em que se estipulava o que se considerava ser essa prática. Inicialmente recorria-se a indicação do exercício do desenho e da pintura de autoria própria, era uma ação mais livre e original, com base em uma referência abstrata (uma história) por meio de diferentes artefatos que lhe permitisse traçar e colorir imagens. Mais que isso, se exigia que se executasse a tarefa de desenho ou pintura mediante a supervisão de um examinador, que iria avaliar se a criança teria executado a tarefa com êxito. O que demonstrava ser também uma forma de evitar que o membro cometesse uma burla (Cf. FOUCAULT, 2014), ou seja, um ato fraudulento na realização da prova. Ao mesmo passo exigia-se que se demonstrasse ter desenvolvido as habilidades artísticas criativas para concluir o solicitado.

Na sequência se solicitava que a criança demonstrasse habilidade manual para executar uma modelagem, indicando-se a possibilidade do uso de diferentes recursos minerais para tal exercício. O que também demonstrava uma preocupação da instituição em tornar a atividade mais acessível, considerando as formas de modelagens diversas as quais os seus filiados pudessem ter acesso em suas localidades.

Por fim, se indicava um desafio mais complexo: desenhar reproduzindo uma cena real observada na natureza, o que não dava muita margem de modificação no exercício da reprodução imagética. Ou então a confecção de um produto artístico de provável uso na época, um cartão de parabéns, que provavelmente deveria ser devidamente enfeitado e ilustrado para fazer jus a intenção de se fazer um registo comemorativo.

Desse modo, o ato criativo era algo especificado, não se permitia o cumprimento de uma “especialidade” pela execução de atividades aleatórias. O exercício criativo tinha, pois, marcadores do entendimento do que seria um fazer artístico à ótica da instituição que promulgava tais normas e orientações. Assim, concordo com Denise Fleith (2012) quando explicou que o ato criativo se constitui de processos sistêmicos influenciados pelos ambientes escolar, familiar e do meio social e cultural mais amplo em que os sujeitos estão inseridos, logo, também do momento histórico.

Tal como os conhecimentos conceituais impulsionados às crianças por meio das matérias e/ou disciplinas escolares, compreendi que a criatividade também pode ser interpretada como processo de/em construção. A cada época as formas como se pensam a infância podem influenciar diretamente na construção de um modo de ser criativo de uma geração. O escotismo, por meio dos seus programas demonstrava então interesse por formar sujeitos criativos, com destreza estimulada e desenvolvida, ao invés do contrário: sujeitos fisicamente e mentalmente atrofiados. Dessa forma intentava no seu discurso prescritivo na forma de orientações e programas educativos que as crianças participassem de provas, jogos, exercícios que estimulassem o exercício de processos criativos diversos. O que remete a ideia de que “a riqueza de toda a criatividade depende da qualidade e variedade oferecidas pelas relações vividas pelo sujeito” (AGUIAR et al. 2009, p. 68).

Logo, educava para a construção da criatividade infantil para o exercício de diferentes operações manuais e intelectuais. Aspectos esses que eram centrais na proposta escoteira de Baden-Powell quando formulou a o escotismo (Cf. BADEN-POWELL, 2006). Aproximar-se do pensamento do fundador do escotismo era, pois, uma outra lei do discurso escoteiro que contribuía para a formação de uma cultura escoteira.

Considerações finais

Imergir os escoteiros desde jovens em atividades artísticas e manuais, em que se estimulasse a operacionalização de processos criativos, a produção de artefatos e a resolução de problemas de forma engenhosa parecia ser de interesse ao escotismo defendido pela União dos Escoteiros do Brasil na segunda metade do vigésimo século. O que, por sua vez, se evidenciava em conformidade com as ideias de Baden-Powell acerca dos objetivos do escotismo. Mais que isso, demonstrava ser também uma forma de modelar as crianças para serem capazes de superar dificuldades impostas pelo cotidiano no presente e no futuro apoiando-se nessas “habilidades” que eram pensadas como de caráter intelectual por exercício da criatividade e de caráter criativo para desenvolver o intelecto.

Isso se percebia no modo de prescrever orientações e normas, caracterizadas por especificações de jogos, exercícios e limites que estas destacavam. Ou seja, na operacionalização de um discurso normativo para incentivar o estímulo a atos criativos na lida com as crianças que ingressavam no escotismo brasileiro. Naquele momento festivo do ano de 1986 isso se

exemplificava pela divulgação de programas educativos para que fossem possivelmente executados com os lobinhos filiados à União dos Escoteiros do Brasil. Estes destacavam a necessidade de exercitar as crianças para que fossem mentalmente despertas, alertas e que isso servisse para que realizassem bons serviços manuais, estimulassem sua destreza e vice-versa. Assim construía-se um discurso normativo de um lobinho/criança criativa capaz de expressar-se socialmente de forma artística.

Referências

- AGUIAR, Wanda Maria J.; BOCK, Ana M. B. (Org.). *A dimensão subjetiva do processo educacional: uma leitura sócio-histórica*. São Paulo: Cortez, 2016. Cap. 1. p. 27-41.
- ARAUJO, Iury Gabriel Amorim De. *Por uma formação física: um programa educativo para lobinhos da união dos escoteiros do brasil (1986)*. E-book VII CONEDU 2021 - Vol 03... Campina Grande: Realize Editora, 2022. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/82284>>. Acesso em: 11 jan. 2023.
- BADEN-POWELL, of Gilwell, Lord. *Guia do chefe escoteiro: teoria do adestramento escoteiro, um subsídio para a tarefa dos chefes*. Porto Alegre: Ed. Escoteira, União dos Escoteiros do Brasil, 2000.
- BAHIA, Sara. Da educação à arte e à criatividade. In. *Sobredotação*, Niterói: v.3, n.2, p.101-126, 2002.
- FLEITH, D. de S. Criatividade: novos conceitos e idéias, aplicabilidade à educação. *Revista Educação Especial*, [S. l.], p. 55-61, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/5229>. Acesso em: 11 jan. 2023.
- FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro: Editora Forense, 2020.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- GUIMARÃES, Claudivan Santos. A educação no Brasil após a redemocratização (1985-2002). In. *Revista Fundamentos*. Local: v. 2, n.1, p. 98-117, 2015.
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Trad. Bernardo Leitão et al. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990. (Coleção Repertórios).
- LIMA, Carlos de Gusmão de Oliveira. *Guia do Lobinho*. Rio de Janeiro: Editora Escoteira/UEB, 1968.
- NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. *A escola de Baden-Powell – cultura escoteira, associação voluntária e escotismo de estado no Brasil*. Rio de Janeiro: Imago, 2008.
- PINTO, Régis Moreira. *Relação entre os pilares da educação, do escotismo e a tipologia de Zabala: jogos escoteiros*. 2019. 133 f. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de Minas GERAIS Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática, Belo Horizonte, 2019. Disponível em: http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/EnCiMat_PintoRM_1.pdf. Acesso em: 10 jan. 2023.

UEB, União dos Escoteiros do Brasil. *Princípios Organização e Regras*. São Paulo: Região de São Paulo/UEB, 1971.

UEB, União dos Escoteiros do Brasil. *Princípios Organização e Regras*. São Paulo: Região de São Paulo/UEB, 1986.

UEB, União dos Escoteiros do Brasil. *Sempre Alerta*. São Paulo: Região de São Paulo/UEB, 1986.

